

# O que a Bíblia diz sobre a Criança

*Por Josephine-Joy Wright, TriBudiardjo e Andréas A. Yewangoe e amigos*

*Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, o seu galardão. (Sl 127.3)*

*E disse: Em verdade vos digo, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. (Mt 18.3)*

*Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele. (Pv 22.6)*

*Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então conhecerei como também sou conhecido. (I Co 13.11-12)*

## Uma Ênfase nos Relacionamentos

As crianças estão em uma jornada de crescimento, são, ao mesmo tempo em que estão se tornando. Em nenhum outro lugar isto é visto de maneira tão enfática como na Bíblia. A Bíblia traça uma jornada do nosso relacionamento com Deus como seus filhos. Este livro também reflete esta caminhada não sendo simplesmente um manual de cuidados com a criança mas sim uma poderosa ferramenta para efetuar o “desenvolvimento transformacional” de Deus no mundo. (Myers,1999). A Bíblia demonstra de maneira poderosa que as crianças são parte essencial deste processo transformacional, estando “no meio de nós” e nos mostrando como podemos entrar no reino de Deus (Mt 18.2). Contudo elas necessitam do cuidado e orientação dos adultos para que esta transformação ocorra em suas vidas.

Um tema chave na Bíblia é o nosso relacionamento para com as crianças, espelhado no relacionamento de Deus para conosco, seus filhos. Muito do sofrimento de Deus no Antigo Testamento, causado por seus filhos, o povo de Israel, pode ser visto em paralelo no amor e no sofrimento que nós experimentamos em nosso relacionamento com nossos filhos. A medida em que as crianças crescem em direção à maturidade, elas lutam para serem “desmamadas”, para expressar suas idéias e autoridade. Nosso objetivo no meio deste processo é passar a fé para as crianças (tanto nossos filhos biológicos como as crianças de nossas comunidades) de forma a permitir que elas derrotem o mundo pela fé (1 Jo 5.4). Mas esta jornada não se refere apenas a um delineamento de comportamentos errados que trazem conseqüências e punição ou a bons comportamentos sem maiores conseqüências. O relacionamento de Deus com Israel mostra-nos de forma poderosa que há um outro caminho. Enquanto os filhos precisam de um amor incondicional, de lugares seguros para aprender, de conseqüências bem definidas para seus atos, eles também precisam de um caminho de volta – por meio do perdão e do arrependimento. Através destes atos de graça, nós os ajudamos a se tornarem ousados em Cristo. Assim como a águia ensina a seus filhotes a voarem, deixando-os cair no

ar e para logo em seguida os apanhar e os levar de volta ao ninho (Dt 32.10-13), Deus permite a nossa queda. Contudo, seus braços estarão sempre lá, prontos para nos apanhar e nos mostrar que nossos erros são oportunidades cujo objetivo é o aprendizado – que os erros são o começo e não o fim. Deus deseja nos amparar e nos confortar (Mt 23.37).

A provisão de Deus de um Consolador (defensor, ajudador) em João 14.16-18 demonstra que a oferta de seu amor por nós, seus filhos, é profunda e infinita. Este Consolador, o Espírito Santo, o Espírito da verdade, estará conosco para sempre. A palavra grega “com” usada nesta passagem (*para e meta*) enfatiza que o Espírito nos guardará e estará ao nosso lado. O Espírito estará também vivendo (“dentro”) de nós (*en*). Jesus não nos deixará como órfãos (v.18). O Pai nunca abandonará seus filhos – esta é uma imagem forte com a qual devemos aprender. Muitas crianças são vulneráveis porque elas estão sendo privadas deste tipo de relacionamento com Deus e com outros, sendo esta a base para um desenvolvimento saudável. A ênfase primária de Deus é a de que nos relacionemos com Ele, nosso Pai, e que experimentemos relacionamentos saudáveis uns para com os outros. A atenção principal de Deus não está voltada a resolver a questão da pobreza ou mesmo a situação socio-econômica, mas sim para os relacionamentos. Este fato desafia nossa visão atual das questões mais importantes enfrentadas por nossas missões e organizações que trabalham com crianças. Certamente boa alimentação e abrigo são necessários para o desenvolvimento saudável, mas nosso trabalho precisa se espelhar na atenção primária de Deus: os relacionamentos.

## **Temas Bíblicos Chaves e Aspectos das Boas Práticas**

### ***Saúde e Maturidade***

O Antigo Testamento ilustra o tema da caminhada para a maturidade nas histórias de José e Moisés. No Novo Testamento, Efésios 4.21-24 fala-nos sobre a ordenança de Cristo para nos despojarmos do velho homem. Tiago 1.2-5 e Hebreus 6.1-3 também falam sobre o desejo de Deus de que crescamos rumo à maturidade e sabedoria a fim de que possamos ter unidade no corpo de Cristo e usarmos nossos dons de forma completa para os propósitos de Deus. Apesar de Isaías falar da frustração de Deus para com Israel devido aos seus repetidos atos de incredulidade e rebelião contra suas leis, Deus não desiste de seus filhos, mesmo quando eles não o ouvem e não se voltam para Ele (Am 4), porque Ele os ama (Is 14.1; Os 11.1-11; 14.4). Deus continua incentivando-os a amadurecer e a obedecer – sendo que a obediência adequada é um dos sinais do seu povo.

A Organização Mundial da Saúde define a saúde como:

não somente sendo a ausência de doença, mas também a presença do bem-estar físico, psicológico, intelectual, espiritual e social da pessoa.

A Convenção dos Direitos da Criança concebeu uma visão holística do bem-estar das crianças, mencionando no Artigo 17 “... a promoção de seu bem-estar social, moral, espiritual e sua saúde física e mental” e no

Artigo 27 “.... o direito de toda criança a um padrão de vida adequado para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social”. Todas as dimensões do desenvolvimento da criança devem ser garantidas de forma adequada para cada idade, inclusive o seu desenvolvimento moral e espiritual.

### ***Proteção e cuidado***

As crianças, se protegidas, bem cuidadas e com permissão para ter esperança, se tornarão “uma nova geração cuja identidade é clara e que poderão tornar-se agentes de mudança, aqueles que carregam a tocha para um futuro melhor” (Visão Mundial, 2001). Isaías 61 menciona de forma enfática a habilidade de Deus em transformar seu povo, tornando-os agentes de mudança e instrumentos de cura no seu mundo, como “carvalhos de justiça” (v.3b).

Há quatro pontos que precisamos considerar quando olhamos de forma integral o que a Bíblia diz sobre as crianças. Primeiro, precisamos compreender o que a Bíblia diz sobre as crianças para entendermos o mandamento do Senhor para nós com relação às crianças e adolescentes. Segundo, precisamos ser capazes de entender seus mundos. Em terceiro lugar, precisamos saber como modelar Cristo na nossa caminhada com eles de forma a facilitar o processo para que eles cresçam “em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lucas 2:52). Em quarto lugar, precisamos saber como ajudar aos órfãos e aqueles que estão feridos, vivendo situações muito difíceis. Precisamos ser capazes de alcançá-los com o amor de Deus. (Tg: 1:27; Is.58:10; Sl.68:5)

Há um forte movimento no mundo ocidental, não-cristão, a favor de uma prática centrada na criança. A mudança sócio-política é admirável e necessária, preferível a se ver a criança como apêndice de seus pais ou como um objeto despersonalizado em sua comunidade para ser submetida à obediência e submissão. Apesar disto, é muito importante que o pêndulo não vá para o outro extremo de forma a elevarmos as crianças acima dos adultos ou passarmos a vê-las como “mini-adultos”. Esse erro leva-nos a destruir a bênção da infância e impor a criança decisões acima de sua idade. Nos livros cristãos sobre educação infantil de 20 a 50 anos atrás, as crianças eram vistas como incompletas – menos que o padrão humano em termos de valor, pensamento, criatividade, e capacidade para amar.

As crianças devem obedecer e honrar seus pais. Da mesma maneira, os pais devem proteger, cuidar, disciplinar, guiar e ensinar seus filhos. Os adultos devem ter autoridade, serem respeitados e exercerem mordomia em relação aos seus filhos e à criação. As crianças pertencem aos seus pais no sentido de estarem apegadas ou ligadas a eles pelo laço sanguíneo. A autoridade dos pais é necessária para o desenvolvimento saudável da criança porque lhe proporciona segurança e limites.

### ***O Exemplo de Cristo: Respeito***

Nossa prática precisa seguir o exemplo dado por Cristo na forma em que tratava tanto adultos como crianças, bem como o exemplo do relacionamento de Deus para com seus filhos, Israel. Veremos como Deus usa pessoas de todas as idades para o seu trabalho, usando os dons individuais e qualidades que são

peculiares a cada pessoa em etapas da vida diferentes. Por exemplo, há momentos que Deus requer uma pessoa com a objetividade de uma criança, calorosa e verdadeira para falar abertamente e desembaraçar uma situação, como Davi o fez ao se oferecer para confrontar Golias—mesmo que humanamente falando, fosse uma loucura. Davi confiava em Deus, acreditando no impossível e na simplicidade de sua visão de mundo, ao passo que os adultos estavam paralisados pelo medo e pelo que eles podiam ver (1 Sm 17.26). Em outros momentos, Deus requer uma maturidade, uma maneira diplomática, usando uma pessoa estrategicamente consciente das questões, por exemplo, quando seu próprio filho enfrentou as perguntas dos fariseus (Mc 7.1-23). Na condição de menino, Jesus é um exemplo de como as crianças têm questionamentos teológicos profundos e de como elas inadvertidamente desafiam o pensamento atual, de forma a jogar luz sobre o assunto de maneira integral (Lc 2.46-50). As crianças na Bíblia refletem este potencial para todas as idades. Jeremias foi chamado para ser um profeta quando era apenas uma criança (Jr 1); Ester tornou-se rainha quando era uma adolescente órfã; Josias tornou-se rei com 8 anos de idade e ganhou a reputação de ser um rei muito bom (2 Rs 22.1-2); Maria, mãe de Jesus foi escolhida ainda adolescente para carregar o Filho de Deus. (Lc 1.29-38).

Cristo colocou as crianças “no meio” deles, ou seja, integrada em famílias e comunidades. Estar “no meio” não significa sempre estar no “centro”. Às vezes, as crianças precisam estar no centro, outras vezes, elas precisam estar na liderança, outras sendo ensinadas, ou abrigadas sob nossa proteção, mais ou menos na periferia das decisões. Mas em todo instante, elas precisam ser tidas como valorosas, precisam ser amadas, honradas e encorajadas a crescerem à imagem de Cristo, dentro do corpo de Cristo (Gl 4.19).

Precisamos prestar atenção nas crianças, honrá-las em nosso trabalho olhando para Cristo como nosso exemplo e eixo central que nos norteia.

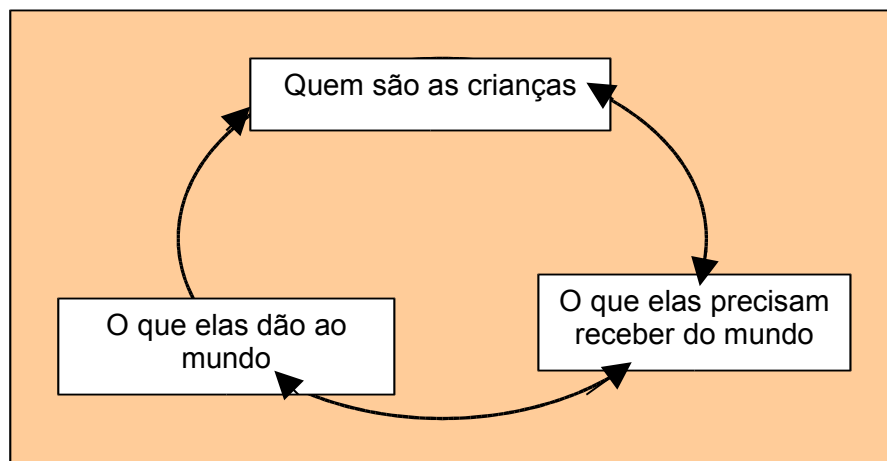
Somos chamados a cuidar das crianças. Todos somos feitos à imagem de Deus. A questão teológica sobre em que momento nos tornamos filhos de Deus é um campo minado, fora do escopo deste capítulo, crianças não-cristãs sofrem uma ruptura e deixam de desfrutar da plenitude do grande amor do Pai. Este amor é restaurado no momento da nossa adoção, quando entregamos nossas vidas a Cristo. Mas todas as crianças cristãs ou não precisam de amor—e cabe a nós servirmos como instrumentos deste amor no mundo de Deus. A Bíblia nos mostra como nos relacionar com Deus, com o próximo e com nós mesmos com atitudes e ações corretas. Vamos agora explorar de forma mais detida o que isto significa para nós, praticantes da Bíblia.

### **A corda de três pontas**

Nossos relacionamentos com Deus e com as crianças estão espelhados no símbolo que ele usa para um trabalho conjunto eficaz – uma corda de três pontas é melhor do que uma ponta só. Nós precisamos uns dos outros. Somos seres intrinsecamente relacionais, vivendo em comunidade, criados à imagem de Deus, nos relacionando com Ele. Precisamos ajudar uns aos outros a crescermos em Cristo, guiados pelos passos do nosso Pai. Utilizando este contexto para observar o que a Bíblia diz sobre as crianças e, conciliando várias perspectivas teológicas, três temas chaves inter-relacionados emergem: (1) quem são as crianças - suas

identidades nos seus relacionamentos com Deus; (2) o que as crianças precisam receber do mundo—seus relacionamentos mais básicos com pais e os relacionamentos com outros; (3) o que elas dão ao mundo – a influência que exercem sobre as pessoas ao seu redor.

As questões-chaves de cada um destes temas estão demonstradas nas figuras seguintes. Infelizmente, estas figuras sofrem com as limitações da forma bi-dimensional na página impressa. As questões-chaves precisam ser consideradas como uma história entrelaçada, uma narrativa tridimensional, mostrando a maneira como as crianças vivem em seus mundos. Não podemos entender as crianças a partir das cadeias didáticas gregas bi-dimensionais, que muitas vezes limitam nosso pensamento adulto. Ao contrário, precisamos pensar usando os processos mentais livres da cultura hebraica na qual Jesus viveu.



**Figura 1: Temas-chaves da Bíblia**

A figura 2 é um modelo (inacabado) ilustrando todas as mudanças que ocorrem constantemente nos limites entre os 4 mundos da criança à medida que estes vão se desenvolvendo. O ideal seria representá-la como uma escultura com quatro globos em constante movimento representando estes mundos diferentes enquanto Deus seria representado por luz vinda do fundo, penetrando e transformando estes globos, e suas inter-relações dinâmicas.



**Figura 2:** Uma representação dinâmica das relações dos vários mundos inter-relacionados que afetam e são afetados pelas crianças em seus contextos de vida. (A forma exata de interação varia com o tempo, dependendo de fatores de desenvolvimento e de experiências vividas pela criança, em cada situação particular.)

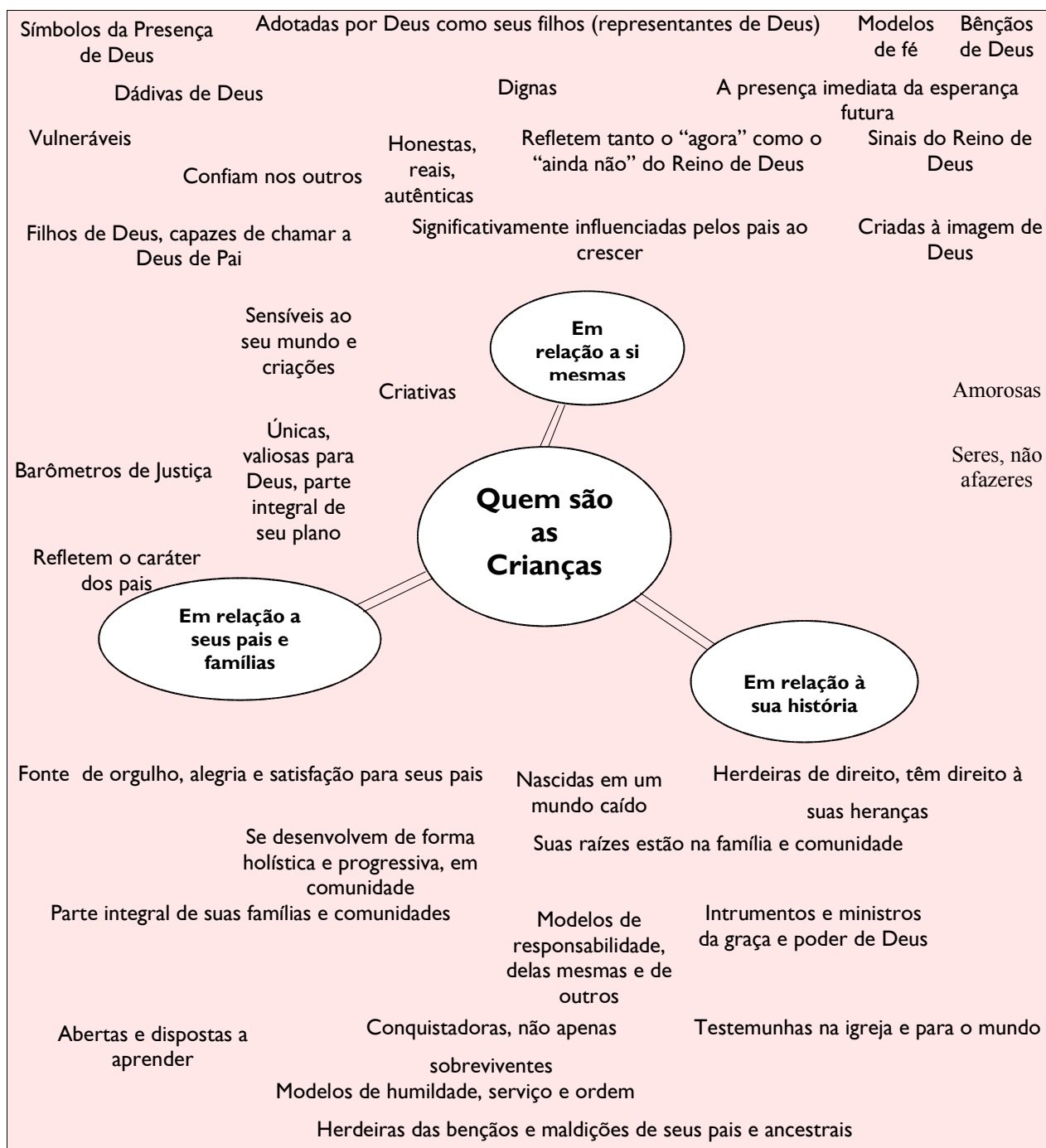
Esta figura precisa ser vista de forma poética. Os limites dos círculos representam os limites da influência de

cada um dos quatro mundos. As maneiras e a extensão com que estes mundos se sobrepõem e se inter-relacionam vão variar a medida em que a criança se desenvolve. A permeabilidade destes limites também variará de acordo com o desenvolvimento e as experiências de vida da criança. Por exemplo, em uma criança muito nova, os mundos dos pais e o da criança vão se sobrepor bastante. À medida que uma criança saudável vai se desenvolvendo, estes dois mundos vão se separando e a influência do mundo social (meio) vai crescendo. Na adolescência, os jovens se abrem muito para a influência de valores—sejam os da sociedade em geral, ou os valores cristãos, porque nesta idade eles estão procurando um sentido e propósito para seus próprios mundos. Se o mundo dos pais e o das crianças ficarem próximos demais, o desenvolvimento da criança estagnar-se-á e ela não poderá desenvolver sua própria identidade. Se a forma de criação oferecida pelos pais é distante, caracterizada pelo abandono, a criança poderá se isolar por medo ou se tornar vulnerável às influências da sociedade e, até mesmo influências da igreja, impróprias para sua idade. A Bíblia defende a inter-relação gradual e apropriada entre estes mundos à medida que a criança se desenvolve.

Ambos, crianças e adolescentes, estão espiritualmente abertos a Deus, já que o limite entre eles e Deus é muito difuso. Precisamos usar este potencial e abertura, nutrindo de forma sensível a espiritualidade de nossas crianças dentro de um contexto holístico.

Muitos de nós, em nossas próprias jornadas, ainda não permitimos a nós mesmos nos tornarmos quem nós somos de fato em Cristo. Alguns de nós desperdiçamos nossas vidas, amarrados ao passado que se tornou nossas prisões, trancando-nos do lado de dentro e deixando do lado de fora a cura e a revelação de Deus. Talvez nunca fomos capazes de deixar o passado (Fp 3.13; Is 43.18-19) ou confiar em Deus para a redenção e restauração de nossos futuros (Jl 2.25). Talvez nunca tivemos a capacidade de receber do mundo o que precisamos – ou nunca fomos capazes de compartilhar com o mundo quem somos ou a nossa alegria de progressivamente nos tornarmos nós mesmos em Cristo. À medida que vamos percebendo quem somos em Cristo, vamos nos capacitando para ajudar as crianças a se tornarem livres e a crescerem na fé e na maturidade, para serem testemunhas por todo o mundo (**veja figura 3**).

## Quem são as crianças



**Figura 3: O que a Bíblia diz sobre quem são as crianças: sua identidade em relação a Deus.**

### ***Uma Bênção***

Desde a primeira menção sobre os filhos na Bíblia, Deus deixa claro que eles são uma bênção. Após Deus criar o primeiro homem e mulher, Ele lhes deu a tarefa de crescer e multiplicar. Eva considerou o seu primeiro filho como uma bênção (Gn 4.1). Ela foi a primeira, dentre muitas, a ser abençoada pela dádiva de um filho (ex. Gn 21.6; Sm. 2.1-10). No batismo de Jesus, Deus manifestou prazer em seu Filho: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Lc 3.22b).

As crianças possuem dignidade intrínseca e são capazes de louvar a Deus e serem usadas por Ele para realizar o seu propósito, superando o mal (Sl 8.2; 1 Sm 3.10; 17.32).

As crianças são fonte de orgulho, alegria e satisfação para seus pais e famílias. Os exemplos bíblicos de filhos nascidos de mulheres estéreis ilustram a grande importância das crianças no cumprimento das promessas de Deus. As crianças são vasos por meio dos quais as bênçãos de Deus passam de uma geração a outra. Cada criança tem um valor inerente, cada uma é única. Mesmo gêmeos idênticos não possuem a mesma impressão digital. “Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei” (Jr 1.5). Aqui, bem como em Salmos 139.13-16, Deus refere-se ao feto como um indivíduo único. Quando perdemos de vista esta verdade, corremos o risco de menosprezar as crianças, como Jessé menosprezou a Davi, ou de provoca-los à ira (Ef 6.4).

As crianças pertencem a Deus e deveriam ser reconhecidas pelo seu incalculável valor e dignidade – não pelo que produzem ou fazem, mas por serem a própria obra de Deus. As crianças, no Antigo Testamento, tinham *status* e dignidade – elas eram parte essencial na unidade familiar judaica. Elas não eram valorizadas como pessoas no exercício de seus direitos, mas “pelo seu potencial, como futuros adultos membros da comunidade da aliança (meninos); ou como guardiãs da família e progenitores da próxima geração (meninas)” (*Children in the Way*, National Society for Promoting Religious Education, 1988). Ao invés de serem tidos como símbolos de inocência e sentimentalismo, as crianças eram vistas pelos membros adultos da comunidade como carentes de proteção, educação, orientação e disciplina, como carentes de sabedoria e compreensão, tão vulneráveis ao pecado quanto os adultos (General Synod Board of Education, 1988). Assim como árvores, à medida que as pessoas crescem e amadurecem, Deus usa-as com propósitos diferentes e dá a cada um dons diferentes. A exposição de Strange (1996) sobre crianças na igreja primitiva mostra como esta era a visão predominante com relação às crianças, até recentemente, resultando em práticas do ensino da fé e da educação muito restritas.

### ***Adotadas por Deus***

A adoção na forma de um processo legal como nós a conhecemos não existia dentro das culturas judaica e hebraica (Cranfield, 1975, pp. 394-403; Hendriksen, 1980, pp. 258-264). Um homem agregava uma criança de um parente falecido a sua família por dever social, não como “filho adotivo”. Havia porém um costume hebraico conhecido como uma cerimônia de adoção. Esta cerimônia acontecia quando o pai julgava que o filho tinha alcançado a maturidade e designava-o a seu representante legal. Qualquer palavra ou acordo que o filho fizesse dali em diante era como se estivesse falando em nome do seu pai, ou seja, com a autoridade do seu pai. As mesmas palavras foram usadas no batismo de Cristo como na cerimônia de adoção (Lc 3.22b). Esta maneira de ver a adoção ilustra de forma poderosa como nós, filhos adotivos de Deus, somos seus representantes aqui na terra. Paulo falou sobre os relacionamentos dos filhos para com Deus em termos de sua herança (Rm 8.17). Nesta passagem Paulo se comunicava com um cidadão romano, um judeu e um cristão, escrevendo em grego. Como um cristão romano, ele estava muito consciente do paralelo entre o que Cristo fez por nós em nossa adoção, e o que acontece quando um escravo é adotado (Stibbe, 1999). Paulo também estava usando o termo “adoção” dentro da sua compreensão e experiência da lei romana, na qual a adoção era considerada um acordo muito sério (Barclay, 1962, p.105-107). Na lei romana, um filho



nunca alcança a maioridade – ele estava sempre sob o poder e controle absolutos do pai. Este fato ajuda-nos a entender porque a idéia de que Deus Pai deu a seus filhos o livre arbítrio para escolher a vida ou a morte (pecado), era uma idéia tão ameaçadora para os romanos.

No ritual romano de adoção o filho era simbolicamente vendido (*mancipatio*) três vezes. Em duas destas ocasiões ele era comprado de volta por seu pai biológico (*patria potestas*). Na terceira vez, uma cerimônia chamada de *vindicato* se seguia na qual o filho se tornava propriedade legal do pai adotivo. As consequências deste processo de adoção incluíam:

- 1) A pessoa adotada perdia todos os direitos à sua antiga família e ganhava todos os direitos de um filho legítimo em sua nova família. Na forma mais restrita da lei, ele ganhava um novo pai.
- 2) O filho adotado se tornava herdeiro das propriedades de seu pai. Mesmo se outros filhos viessem a nascer depois, seus direitos não eram afetados. Ele era co-herdeiro inalienável com os demais.
- 3) Perante a lei, a vida antiga da pessoa adotada era completamente apagada. Todas as dívidas, por exemplo, eram canceladas. Ela era vista como uma nova pessoa, entrando em uma nova vida, sem relação com o passado.

Esta cerimônia exigia a presença de sete testemunhas. Para os cristãos, o Espírito é a nossa testemunha – como ele o foi no batismo de Jesus.

Como filhos de Deus, somos representantes do Pai. Apesar de termos deixado as coisas de criança (1Co.13:11), podemos chamar Deus de *abba* (Aramaico) ou “papai”, como um reflexo de nossa natureza infantil e intimidade com ele. Mas, ao crescermos, Paulo diz que podemos chamar Deus de “pai” (grego), simbolizando o relacionamento maduro, que inclui respeito, responsabilidade e honra.

Como cristãos somos completamente parte da família de Jesus: “As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5.17).

Se a nossa significância deriva de sermos filhos, não escravos, seremos capazes de atingir o propósito de Deus em nossas vidas. A razão para isto é que estaremos servindo ao Senhor motivados pela gratidão ao invés de fazê-lo por uma necessidade da aprovação de Deus. (Stibbe, 1999)

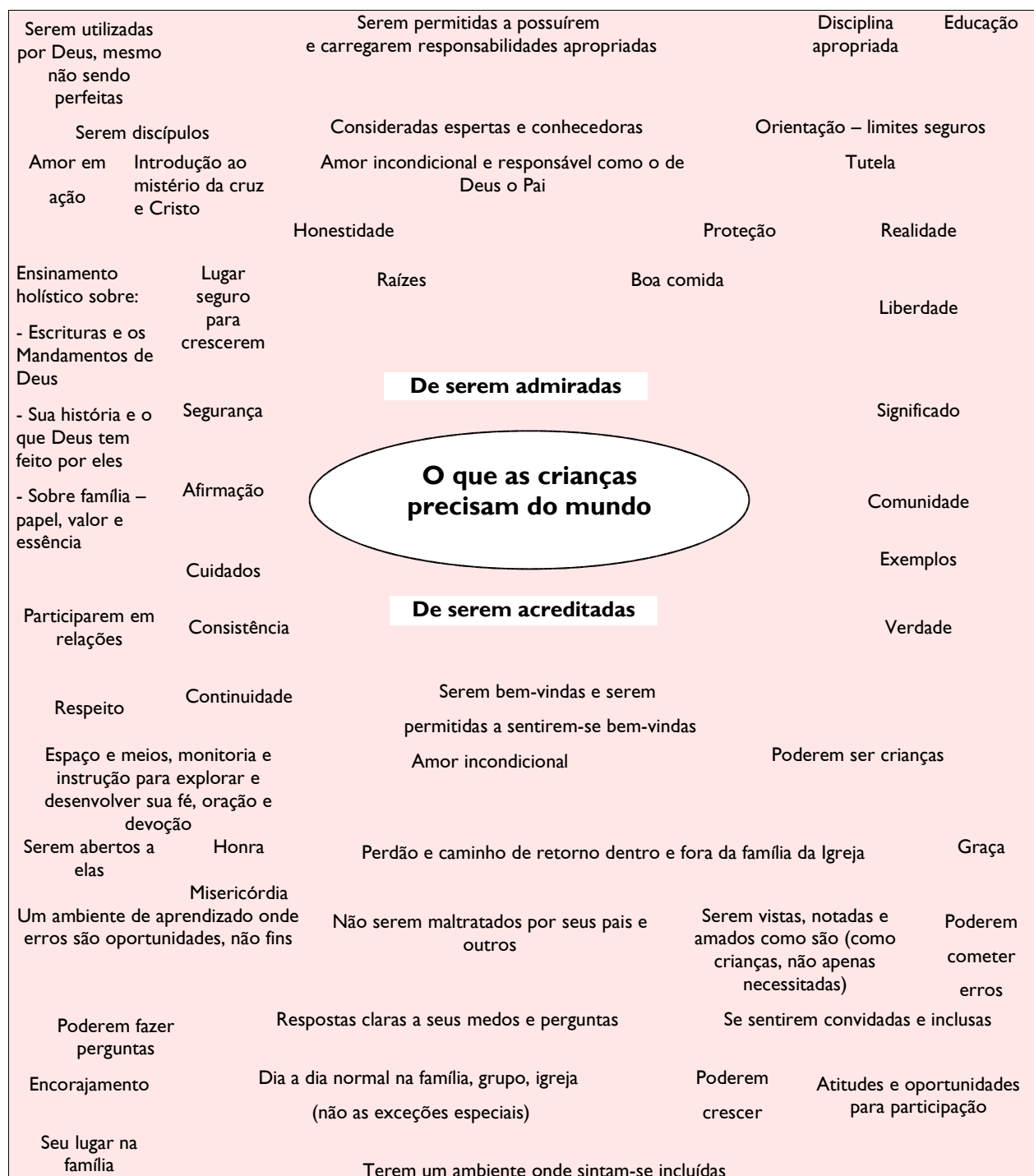
Como filhos de Deus, não temos de conquistar o direito de sermos adotados – este é um dom gratuito de Deus. Da mesma forma, não temos de conquistar para nós mesmos o direito de sermos amados. Mas ao amadurecermos em Cristo, experimentamos de forma mais profunda a essência de nossa adoção.

O trabalho do Espírito Santo é o de criar nos crentes o espírito de adoção... Somos regenerados pelo Espírito Santo e portanto recebemos a natureza de filhos; e esta natureza que nos é dada por ele, ele continuamente incita, anima, desenvolve e amadurece; de forma que dia após dia, recebemos mais e mais o espírito de criança. (Spurgeon, 1958, p. 27)

## As crianças são um exemplo

Jesus não considerava as crianças simplesmente uma parte valiosa e essencial da família, que ainda não chegaram a fase adulta. Na verdade, ele disse, que os adultos geralmente precisam aprender com as crianças e seus padrões de como serem discípulos (Mt 18:1-4; 19:14). As crianças precisam de amor, encorajamento, cuidados e orientação, e elas são também valiosas em sua própria maneira de serem. Os pais têm um dever moral e espiritual de cuidar de seus filhos (Mt 18:5-6). Eles são ferramentas de Deus, cuidando das crianças que Deus adotou em sua família (veja fig 4).

### O que as crianças precisam do mundo, de nós



**Figura 4:** O que a Bíblia diz sobre o que as crianças precisam do mundo, de nós: suas relações com os pais e adultos.

### ***Amor (Os 11.1-11)***

Foi o amor de Deus por Israel que mostrou que ele não podia desistir deles mesmo quando eram desobedientes e rebeldes. Esta é uma forte ilustração do amor que nós precisamos dar as nossas crianças - incondicional, claro e infinito.

### ***Afirmção honesta e encorajamento como elas são, e pelo que são***

Nós precisamos dizer e demonstrar às crianças que elas são uma alegria para nós. Elas são uma fonte de felicidade, orgulho e satisfação para nós e para Deus porque são o que são – não pelo que elas podem conquistar, e especialmente não porque elas podem realizar os nossos sonhos ou satisfazer nossas necessidades.

### ***Serem acolhidas (Mt 18.5; 19.14)***

Quando nós acolhemos as crianças estamos acolhendo a Cristo. Nós não só estamos cumprimentando uma criança, mas a estamos inserindo na malha de nossa vida comunitária. Os cultos da Igreja, por exemplo, precisam incluir as crianças, afirmar a importância de sua presença e aceitar a maneiras delas serem crianças.

### ***Responsabilidades mútuas***

Enquanto as crianças são chamadas a obedecer e a honrar a seus pais (Dt 5.16), os pais são chamados a não irritar suas crianças (Ef 6.1-4) e a não levá-las a cometer o pecado (Mt 18.6).

### ***Cuidado prático***

Muitas pessoas acham que a Bíblia retrata uma visão romântica do amor de Jesus em relação aos “pequenininhos”. Ele deixa com que se aproximem e se sentem em seu colo. Jesus é um exemplo maravilhoso de ternura e intimidade. Contudo, a Bíblia também diz que Deus reina para executar a justiça e trazer equidade aos pobres oprimidos, marginalizados e órfãos (Sl 68.5-6; 82.1-4). Deus nos concede muito além do nível básico (Lc 11.13) – Ele nos fez a sua imagem e nos deu o seu próprio Filho, Jesus. O apoio e a paciência de Deus para com Israel ilustra este fato profundamente, assim como as parábolas de Jesus sobre o amor de Deus em Lucas 15: da ovelha perdida (v. 1-7), a da dracma perdida (v.8-10), a do filho pródigo (os filhos perdidos), na qual ambos filhos tinham rompido relacionamento com seu pai e rejeitado seu amor e bondade (v.11-32).

Nos evangelhos, vemos Jesus respondendo prontamente aos pais, que pediam pelas necessidades de suas crianças – por exemplo, a filha de Jairo (Mc 5.22-43) e a mulher sírio-fenícia (Mc 7.24-30). Deus é prático, e seu cuidado amoroso com suas crianças é traduzido no sistema social, legal e religioso (exemplos: Ex. 22.22-23; Dt 14.28-29). As crianças não são dignas de caridade; elas têm o direito de receberem cuidado e serem protegidas.

## ***Orientação***

Os pais são a maior influência no desenvolvimento do caráter da criança, através do relacionamento com elas desde o nascimento (ou adoção), da intimidade e a extensão de suas experiências compartilhadas. Os pais precisam ser exemplos de como Deus nos guia. “Instruir-te-ei, e te ensinarei o caminho que deves seguir; e sob minhas vistas te darei conselho” (Sl 32.8). “E os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele” (Is 30.21a).

## ***Serem capacitadas a crescer na fé***

A descrição de John Westerhoff dos 4 estágios da caminhada na fé é útil aqui. (Westerhoff, 1980). Nós começamos quando éramos crianças com uma “fé baseada na experiência”, sentindo-nos parte do que está a nossa volta, dependentes em experiências e interação. “A criança explora e testa, imagina e cria, observa e copia, experimenta e reage”. Assim a fé não vem primeiro por meio de palavras teológicas, mas por experiências de confiança, amor e aceitação. A questão, segundo Westerhoff, não é “O que eu digo ao meu filho?” mas, “Como é ser um cristão com o meu filho?”

Depois vem a “fé dependente”. Westerhoff fala sobre como temos a necessidade de pertencermos e de participarmos de uma comunidade de fé com identidade e consciência, com oportunidades de aprofundar nossos sentimentos religiosos através de atividades criativas, de compartilhar as experiências da comunidade, e viver o encanto, a admiração e o mistério. Crenças e atitudes são absorvidas mais facilmente de pessoas que são importantes para nós ou de um grupo que valorizamos; há uma necessidade neste momento de aceitação e inclusão.

O terceiro estágio é uma “fé que busca”, que procura trabalhar uma fé pessoal consistente congruente com uma autoridade interior, ao invés de uma autoridade entre outras pessoas.

Tipicamente, haverá elementos de dúvida e julgamento crítico e uma necessidade de experimentar como conhecimento alternativo, e tradições são exploradas. Aqueles neste estágio, precisam comprometer suas vidas a pessoas e causas diferentes.

Finalmente há a “fé própria”, que carrega a tensão da verdade vista por diferentes perspectivas e encontra um novo sentido no mito, no símbolo e no ritual.

Agora as pessoas querem mais colocar sua fé em ações pessoais e sociais, e elas estão dispostas e capazes de defender aquilo que acreditam, mesmo contra a comunidade em que foram criadas.

Este processo de mudança da “fé baseada na experiência” para a “fé própria” é o que Westerhoff vê como conversão – uma incrível mudança no comportamento total da pessoa, podendo se manifestar repentina ou gradualmente. Ele observa que:

Para alcançar a “fé própria” (nosso potencial completo) é uma longa peregrinação na qual precisamos

estar providos de um ambiente e experiências que nos encorajam a agir de maneira que auxilie a expansão de nossa fé.

Nós precisamos criar oportunidades que facilitam isto acontecer. Como argumentou Hadden Willmer em 2002 na “Cutting Edge Conference” em De Bron, Holanda, nós não precisamos pedir as crianças para tomar decisões adultas - ao contrário, nós precisamos dar a elas a oportunidade de aproveitarem o fato de serem crianças. Mas, como Keith White mostrou e complementou na mesma conferência, não devemos ver as crianças simplesmente como “adultos em espera”. Elas já são representantes completos de Cristo, capazes de serem instrumentos de seu poder e graça. Organizações nesta conferência escreveram propostas para a Convenção de Lausanne 2004 relativas ao lugar das crianças e como as necessidades delas são consideradas por aqueles que trabalham com elas.

### ***Disciplina***

Assim como um livro sem margens não pode comunicar o poder e a beleza de sua mensagem, também as crianças precisam de limites seguros para desenvolverem e alcançarem seu potencial. Em um estudo informal há poucos anos atrás, uma de minhas colegas de trabalho perguntou a alguns jovens com quem ela trabalhava o que eles mais queriam na vida. Ela ficou surpresa com a resposta deles: “Alguém que nos ame o suficiente para nos dizer claramente o que fazer, o que é certo e o que não é certo”. Não os mais recentes livros, ou os últimos lançamentos musicais, mas *Amor* – demonstrado através de se preocupar suficientemente para dar limites seguros mesmo quando é árduo segui-los (como o foi, e é, para Deus). Os pais têm a mais profunda influência no desenvolvimento do caráter de suas crianças e na forma com que elas se relacionam com o mundo externo e interno. Este é um grande privilégio e responsabilidade.

No decorrer dos anos, teorias de disciplina aceitáveis social e politicamente têm variado muito. Mas a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças é clara que como pais e adultos nós não temos o direito de abusar de nossas crianças - física, espiritual ou emocionalmente. O mandamento bíblico para nós, é na verdade, o oposto. Quando lemos que: “Aquele que retém a sua vara odeia a seu filho” (Pv 13.24a), a vara mencionada é a vara do pastor. Este versículo tem sido normalmente tirado do contexto e utilizado como justificativa a castigos corporais. É difícil se vivemos em uma cultura na qual bater em crianças é aceito como norma e mesmo como uma boa prática. Mas o pastor não usou sua vara para bater em suas ovelhas. Se ele o tivesse feito, elas não teriam vindo a ele quando elas estivessem em perigo, mas elas o teriam evitado por medo, e ele as teria perdido. O pastor utilizava sua vara para acalantar, guiar e orientar suas ovelhas ao longo do caminho que era seguro seguir. Da mesma maneira, nós precisamos guiar as crianças para que elas possam aprender a correta e segura rota da vida (Pv 29.15). O pastor também utilizava seus ajudantes para retirar suas ovelhas de lugares perigosos. Nós precisamos estar dispostos a ir a lugares difíceis para ajudar nossas crianças. Nós não as ajudamos condenando-as quando elas entram em perigo através do uso de drogas, atividade sexual, dentre outros. Quando nós usamos a vara e ajuda deste modo, elas são um conforto para nós e para nossos filhos (Sl 23.4). Nós precisamos usar nossa autoridade como pais e adultos apropriadamente - não para abusar mas para proteger, guiar e ajudar as crianças a aprenderem a verdade, e, conseqüentemente, não manipuladores de suas ações. Fazendo assim nós somos exemplo do relacionamento

de Deus para conosco, seus filhos.

### ***Ter confiança***

Jesus é muito claro ao dizer que nosso passado não precisa nos definir, que nós podemos mudar e ele acredita em nós. Pais e os adultos precisam dar às crianças uma esperança para o futuro, encorajá-las a terem sonhos. As crianças precisam saber que nós vamos ampará-las em seus passos ao correrem riscos e seguirem seus sonhos (mesmo que estes não sejam os nossos para elas). O exemplo de Deus é conceder um amor consistente e estar lá quando elas voarem.

### ***Serem ensinadas***

As crianças precisam de educação e também de aprender sobre suas raízes da história e de escrituras e sobre as leis de Deus para viver com sabedoria (Sl 78.2-8; Dt 4.5-9), como a observância de Sabbath (“dia de descanso”). As crianças precisam aprender como comportarem-se junto a suas famílias e preencherem os requisitos sócio-legais sem comprometerem a própria fé. Elas precisam de pessoas seguras que possam ensiná-las as habilidades para viver assim como ter relacionamentos saudáveis, bons limites, como administrar efetivamente os conflitos e como se alegrar e trabalhar com os seus sentimentos e com os dos outros. Elas precisam ser ensinadas sobre estas coisas no contexto de fé e amor duradouro de Deus.

### ***Serem crianças***

As crianças precisam de infância. Elas não são responsáveis pelo completo bem estar físico e emocional de seus pais. Apesar das crianças terem que honrar e respeitar seus pais (Ef. 6.2), e isto envolve cuidar deles, para crianças com pais psicologicamente e espiritualmente saudáveis essa honra e um relacionamento bíblico irão normalmente gerar um desenvolvimento saudável para a criança. Mas Deus nunca falou sobre a angústia causada por Israel de forma subtendida que Israel tinha que se comportar para alegrar a Deus. Muitas vezes os pais ou adultos dizem “você me fez...” Isto é uma mentira. Nós não podemos, como adultos, estar pronto a fazer ou a ser nada. Nós temos escolhas. Nós tomamos decisões. Nós precisamos desafiar esta mentira em nós mesmos e nos outros para que as crianças sejam livres para serem elas mesmas como crianças, não os pais de seus pais.

Uma infância saudável é uma base segura para uma vida adulta saudável. As crianças precisam de oportunidades para brincar, de serem saudavelmente “irresponsáveis” de um jeito e tempo oportunos enquanto lentamente vão aprendendo a terem responsabilidade. As crianças são normalmente mais conscientes e estão em contato maior com criação do que os adultos. Elas são também mais entusiasmadas pelo cuidado da criação e vivenciam isto de forma mais intensa que os adultos. Nós precisamos aprender com elas e apreciar isto para podermos recuperar nossa infantilidade e nossa percepção de Deus neste mundo. Os mundos das crianças e dos pais e adultos devem complementar-se, e ambos devem crescer e realizar o propósito de Deus em suas vidas.

## **O que as crianças dão ao mundo**

A figura 5 nos traz um mundo de potencial e possibilidades. A bênção das crianças não está muito no que elas são, mas em quem e como elas são - únicas, criativas, desafiadoras, sonhadoras quanto aos acontecimentos do mundo, vivendo e sendo dentro de seus mundos, dizendo coisas impensadas, orando “orações perigosas”, pensando no socialmente impensável, sendo honestas e reais. Elas são testemunhas soberbas para cada um e para os adultos. Um testemunho meu é que a minha turma de escola dominical de 3 a 5 anos de idade dobrou o número de alunos em três anos e trouxe 4 casais de pais à fé. As crianças são importantes para Deus e para nós.

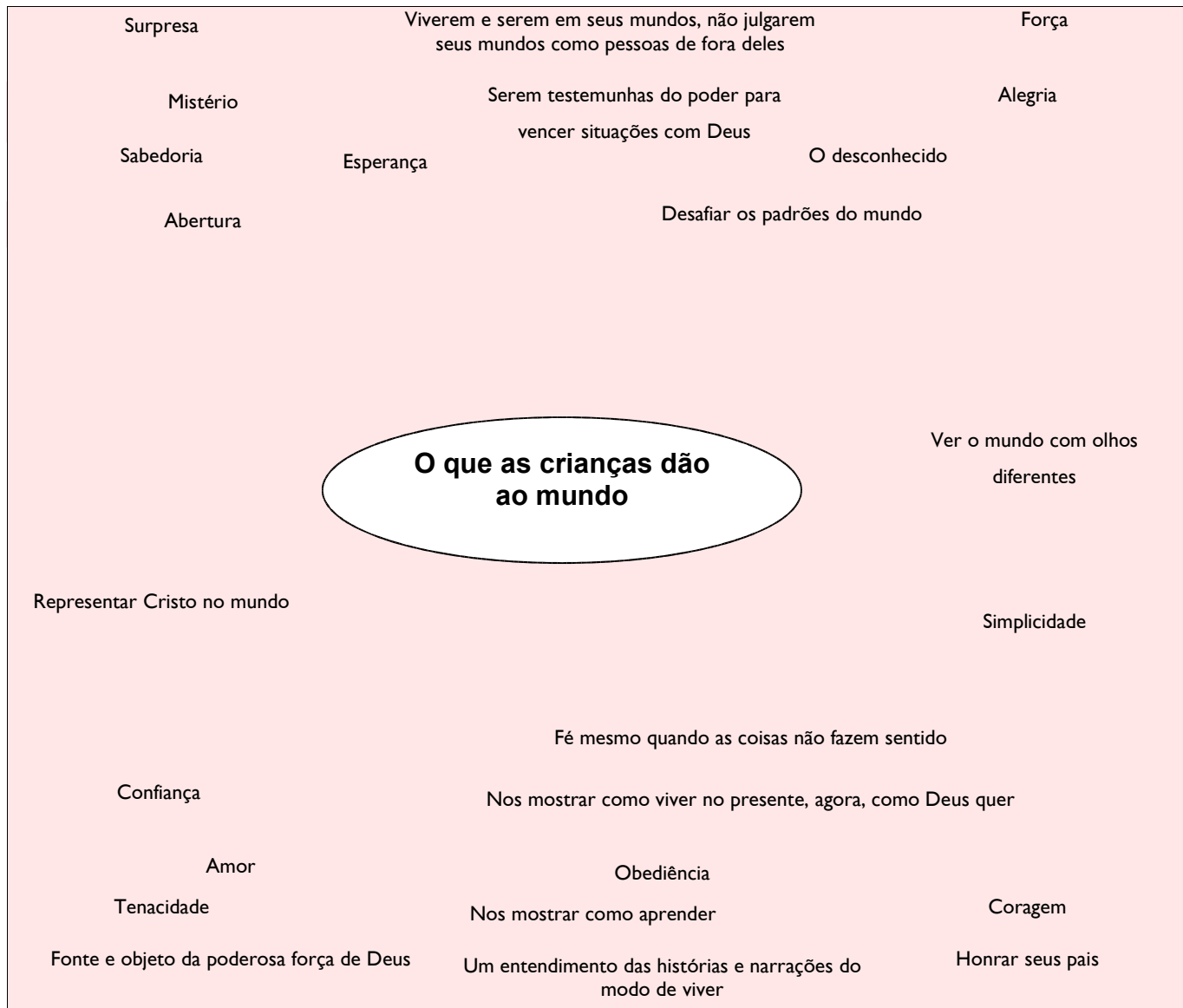
Freqüentemente nós lutamos para colocar em ação estas três dimensões de boa prática enraizadas biblicamente em nossas comunidades nas quais as crianças vivem e crescem. “Arco-íris da esperança”, de Phyllis Kilbourn (a autora de significativas publicações nesta área), desenvolveu a afirmação de que:

Toda criança é criada à imagem de Deus e, portanto, é uma pessoa de imenso valor e significância, independente de seu contexto racial, social ou cultural. As crianças eram, e são, importantes para o ministério de Jesus e deveriam ter importância equivalente para nós. Ministério para as crianças deve incluir o evangelismo e discipulado. Toda criança é dotada com bênçãos de Deus e um potencial que precisa ser desenvolvido e celebrado na comunidade da igreja. Ministério para as crianças não é somente meio para alcançar fins, mas é estar arraigado em nossa convicção que as crianças são dignas do ministério. Um ministério paralelo às famílias é vital para prevenir o abuso infantil e prover lares saudáveis aptos a uma criação espiritual.

Cada um de nós, criança ou adulto, é uma criança de Deus em uma única, pré-ordenada, propositada e criativa jornada. Ao viajarmos, crescemos em nossa fé e experimentamos a plenitude do amor do nosso Pai por nós, tendo aceitado a Ele em nossas vidas e sendo perdoados e adotados por ele. Este é o nosso mandamento bíblico. Se pudermos aprender a andar como as crianças - às vezes sendo conduzidos por elas, geralmente orientando, protegendo e ensinado-as, mas sempre as honrando - assim, nós todos viremos a plenitude do Reino de Deus e cresceremos como Cristo.

Bem aventurado o homem cuja força está em ti, em cujo coração se encontram os caminhos aplanados, o qual passando pelo vale árido, faz dele um manancial; de bênçãos o cobre a primeira chuva. Vão indo de força em força, cada um deles aparece diante de Deus em Sião (Sl 84.5-7).

### O que as crianças dão ao mundo



**Figura 5:** O que a Bíblia diz sobre o que as crianças dão ao mundo: sua influência relacional aos outros a sua volta.

#### *Notas:*

1. Este capítulo é o resultado de um processo criativo de consulta em e encorajamento de Deus e de amigos. Josephine-Joy gostaria de expressar seu profundo agradecimento a: Tom Riley, pela inspiração, sabedoria e constante interesse; Dave Scott, pelos seus comentários perceptivos numa perspectiva mais ampla e interpretações teológicas, Chris Scupham pela orientação sobre adoção espiritual e tradução do grego; Eileen e Roy Taylor, Helen Powell e Claire Trimnell pelas procuras por referências bibliográficas e apoio constante.
2. Desenvolvido por Adrian Datta, Tom Riley e Josephine-Joy Wright, 2002.